

HISTÓRIAS DE HOMOFOBIA, EMPODERAMENTO E ACEITAÇÃO: ANÁLISE DOS DOCUMENTÁRIOS *BICHAS* E *O SEGREDO DOS LÍRIOS*

Sullivan Charles Barros

Universidade Federal de Goiás, e-mail: sullivan7@uol.com.

Resumo

As narrativas cinematográficas exercem grande poder sobre o público. Elas veiculam e constroem relações de gênero e sexualidades o que torna de extrema relevância a investigação dos discursos/práticas/efeitos do cinema na constituição de valores e representações sociais. O cinema foi priorizado aqui como um locus de criação marcado pela experiência das identidades de gênero, sexualidade, desejos e afetos e pela possibilidade de ser o cinema um recurso didático que possibilita a construção do conhecimento social. Neste sentido, foi analisado, os documentário *Bichas* de Marlon Parente que trata da história de seis jovens homossexuais nordestinos e *O Segredo dos Lírios* de Brunna Kirsch e Cris Aldrey que mostra o depoimento de três mães que possuem filhas lésbicas e cada uma conta histórias de quando as garotas eram pequenas, quando contaram a elas sobre a sua sexualidade, os sustos e a aceitação.

Palavras-chave: Homofobia; Empoderamento; Aceitação; Cinema.

Introdução

As narrativas cinematográficas exercem grande poder sobre o público visto que elas veiculam e constroem relações de gênero e sexualidades o que torna de extrema relevância a investigação dos discursos/práticas/efeitos do cinema na constituição de valores e representações sociais que contribuem para delimitar os papéis dicotômicos entre homem/mulher, masculino/feminino, hetero/homo, ativo/passivo, bem como investigar abordagens que problematizem as sexualidades de forma interseccional.

Um debate recorrente no campo do cinema hoje é se existe ou não um cinema gay ou um cinema *queer* que implique a diferença de perspectiva pela qual estes filmes são realizados. Muitos deles se intitulam ou são intitulados como *queer*. Estas películas que se intitulam ou são denominadas como *queer* se colocam em que perspectiva discursiva? Quais seriam/são as justificativas utilizadas por diretores/roteiristas e críticos de cinema para apresentarem e/ou denominarem estas produções como *queer*?

A simples presença de personagens gays, lésbicas, travestis e transexuais que discursam sobre a mobilidade do feminino e do masculino independente do sexo biológico podem definir estas obras como *queer*? Ou torna-se necessário que nestas produções as personagens apresentem-se em performances desestabilizadoras da heteronormatividade?

Parto de antemão, que nem todo olhar *queer* empreendido no cinema desconstrói totalmente o binário sexual, a heterossexualidade compulsória e o modelo heteronormativo regulatório da sexualidade humana ou faça a oposição ao Estado patriarcal ou até mesmo chegaria a uma

montagem totalmente isenta de sentidos “masculinistas”, sexistas e heteronormativos. E é neste sentido, foi analisado, em uma leitura *queer*, os documentários *Bichas* de Marlon Parente e *O Segredo dos Lírios* de Bruna Kirsch e Cris Aldrey. No primeiro, são apresentadas as histórias de seis jovens homossexuais nordestinos. Os personagens aparecem para o público, contando como se “assumiram” para as famílias, como enfrentaram reações e como lidaram/lidam com situações de homofobia em locais públicos. O documentário, a partir da fala destes jovens, sugere que a palavra “bicha” pode/deve ser usada como forma de empoderamento da comunidade homossexual. Já no segundo, apresentam-se o depoimento de três mães que possuem filhas lésbicas e cada uma delas conta histórias de quando as filhas eram crianças até chegarem a idade de contarem a elas sobre suas sexualidades, desencadeando os momentos de ‘susto’ e ‘aceitação’.

O Cinema *Queer*

O termo *queer* funciona de múltiplas maneiras: a) como prática de leitura sobre um *corpus* para descrever uma identidade particular¹, para circunscrever um campo de estudos, como sinônimo de lésbica ou gay, como noção “guarda-chuva” no qual se agrupam várias identidades não heteronormativas (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos, etc) e b) como campo teórico e discursivo sobre identidades, desejos, representações sociais e imaginários que identificam a sexualidade como dispositivo histórico de poder e que se constroem a partir de diversos campos do conhecimento e dos diálogos produzidos entre diversas disciplinas tais como história, sociologia, antropologia, psicologia.

Por outro lado, os filmes, por exemplo, são objetos privilegiados nos estudos *queer*: “oriundos predominantemente dos estudos culturais, os teóricos *queer* deram maior atenção à análise de obras fílmicas, artísticas e midiáticas em geral” (Miskolci, 2009, p. 155).

Entretanto, a maior parte destas produções que são definidas como *queer* seja pelos cineastas/roteiristas e/ou pelos críticos de cinema e público em geral, é realizada distante das perspectivas históricas feministas e *queer*, ignorando o problema da identidade política e a questão da experiência na construção da subjetividade e na significação do real. Não trazem em sua essência a possibilidade de uma crítica sobre a heteronormatividade como a ordem sexual do

¹ O termo *queer* tem sido adotado pela comunidade LGBT no intuito de ser resignificada política e discursivamente. De um termo pejorativo que se aproxima das expressões em português “estranho”, “bizarro”, “bicha”, “viado”, a palavra *queer* passou a denominar um grupo de pessoas dispostas a romper com a ordem heterossexual compulsória estabelecida na sociedade contemporânea, e mesmo com a ordem homossexual padronizante, que exclui as formas mais populares, caricatas e até artísticas de condutas sexuais ditas “desviantes”. Assim existe a possibilidade de muitos indivíduos não aceitos socialmente pela sua condição sexual assumirem uma identidade *queer* no intuito de poderem ganhar um maior espaço social e individual.

presente na qual todo mundo é criado para ser heterossexual ou mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto para que adote o modelo da heterossexualidade compulsória em suas vidas. “Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade” (Miskolci, 2012, p. 15).

Ao relacionar cinema e teoria *queer*, busco perceber possíveis comunicabilidades entre alguns filmes dirigidos/roteirizados por homens de nacionalidades distintas e em contextos temporais diferentes, atentando para as estéticas, poéticas e para as representações sociais destes diretores, que podem ser lidas como críticas ao patriarcado, a heterossexualidade compulsória e ao modelo heteronormativo e suas dinâmicas de poder. Nesse percurso, é imprescindível considerar ainda a pluralidade das perspectivas *queer*, cujas práticas e discursos variam dependendo do olhar e das condições de produção de quem os opera.

A construção não se separa do filme, é o filme mesmo; outra construção do mesmo relato daria outro filme. O tipo de utilização do material fílmico, o tempo, uma relação com o mundo circundante e a uma tomada de posição frente ao público, e é aqui mais uma escolha das histórias (sic), que podemos interrogar ao cinema como expressão ideológica. Não pode haver estudo fílmico que não seja uma investigação da construção (Solin, P. *apud* Silva, 2008, p. 264).

O cinema, ao longo de sua história, instituiu valores e representações que contribuíram para definir a rigidez dos papéis binários entre homem/mulher, masculino/feminino, hetero/homo, reapropriando-se das relações do poder sexista, machista, falocêntrico, patriarcal e heteronormativo.

O cinema narrativo clássico, sobretudo, o hollywoodiano, reforçou na sua trajetória, dispositivos semióticos dos modelos dos heróis, bravos, guerreiros, tidos como lugar dos machos e, as frágeis, doces, sensíveis e sonhadoras, para as mocinhas-fêmeas. Um cinema que negou às diferenças sexuais e o lugar das mulheres, dos homossexuais e de outras identidades de gênero e sexuais como sujeitos do desejo, do poder ou do saber.

Segundo Nepomuceno,

a transgressão das identidades no cinema foi construída imagetivamente por fissuras na tela, por onde ocorriam meta-linguagens e outros sentidos não ditos, parafraseados em circunstâncias que ora levava o deboche e a comédia ou ora vista como um drama a ser revelado, uma questão a ser descoberta. As sexualidades variáveis, quando permitidas, detinham uma narrativa ideológica que marcava a diferença e a exclusão da norma, da ordem, do instituído. Um caminho traçado sempre às paralelas, sendo definido e definindo-se como algo proibido, culpabilizado, ou ainda, na vertente do riso e do escracho, onde as linhas do eu e do outro ficam mais fortemente separadas pelo que não conheço em mim (2009, p. 3).

Filmes se relacionam a uma larga escala de experiência estética e discursiva, eles têm um importante papel na formação das representações em gênero e sexualidades, - assim, como raciais,

étnicas, religiosas, geracionais, de classe, entre outras -, e podem, do mesmo modo, facilitar, particularmente bem, a comunicação e o entendimento de temas difíceis e tabus. Além disso, o filme torna-se um espaço que dá voz aqueles que não poderiam ser ouvidos de outra maneira.

Falar em um cinema gay, homoerótico ou *queer* é abordar mais que a expressão cultural-artística de uma identidade homossexual ou *queer* única e indivisível; trata-se de um meio de representação de uma pluralidade de identidades e performances que se perpassam e misturam, sem que haja uma fronteira entre elas. São gays, lésbicas, transexuais, travestis, intersexos e tantos outros sujeitos possíveis que “saíram do armário” e ousaram se assumir no gênero e na sua sexualidade; eles transitam entre suas diversas identidades, sendo aceitos ou não.

Foucault (1997) nos ensina que há coisas e há indivíduos que são impensáveis porque não se enquadram numa lógica ou num quadro admissíveis aquela cultura e/ou naquele momento. Essas práticas e esses sujeitos são estranhos, excêntricos, bizarros, talvez se possam dizer simplesmente *queer*, enfim, “eles transgridem a imaginação, são incompreensíveis ou impensáveis e então são recusados, ignorados” (Louro, 2004, p. 28).

O cinema *queer*, como prática discursiva, contesta o controle institucional de gênero e das sexualidades. Questões de representação e de identidades oferecem oportunidades para que possamos explorar as forças e os limites de diversos problemas sociais². Neste sentido, parto da perspectiva de que a análise e interpretação de discursos fílmicos pode ser um caminho profícuo para rompermos com entendimentos “normalizados”, dos agentes políticos, institucionais e educacionais sobre a produção e circulação de representações *queer* na cultura visual. Dias ao discutir o campo da educação em cultura visual e a relação com o cinema *queer*, nos afirma que

ensinar usando o cinema *queer* pode ser intrinsecamente subversivo, porque ele questiona noções de identidade, subjetividade e desejo e, por meio de suas características intertextuais, incorpora investigações mais amplas da esfera pública sobre cidadania, raça, classe, entre outras (Dias, 2007, p. 718).

Se por um lado o cinema clássico reafirma valores e representações que contribuem para definir a rigidez dos papéis binários, por outro lado, o cinema *queer* constitui um território que vem abrindo novos cenários de visibilidade para que os/as personagens *queers* possam encenar suas performances de identidades múltiplas por meio de corpos-devir. Dos guetos, das sombras e dos “armários” para as telas cinematográficas. Nas telas, além de homens e mulheres homossexuais

² Segundo Dias (2007) aparentemente, no cinema *queer*, os discursos que focalizam questões de gênero e de sexualidades têm predileção especial pelas representações de subjetividades de *queer*-gêneros, isto é, sujeitos que estão fora dos padrões normatizados que definem a heterossexualidade como a única forma de manifestação natural do desejo.

protagonizam os enredos uma gama de variabilidade de gênero e sexualidades, como os/as bissexuais, os/as transexuais, os/as travestis, os/as intersexuais, entre outros infinitos arranjos identitários.

A presença dos *queers* como significante desta outra alternativa de se fazer cinema para além dos modelos heteronormativos apresenta-se também como espetáculo midiático, produzido pela indústria de cultura de massa. Nesta construção, para além de qualquer conceituação ou discurso determinante sobre uma nova compreensão de gênero, corpos, sexualidades e desejos, o cinema *queer* representa um locus mutante onde ficção e realidades reinventam suas narrativas, propondo um campo visual outro sobre as diferenças que nos constitui como humanos bem como outras formas de contestação.

Bichas, o documentário: homofobia e empoderamento

“Bichas, o documentário” é um filme de 2016 do diretor pernambucano Marlon Parente. Sua sinopse apresentada em página oficial do facebook é a seguinte:

Esse filme fala, antes de tudo, de amor. Para ser mais exato: de amor próprio. A palavra B*CHA vem sendo usada de forma errada, como xingamento. Quando na verdade, deveríamos tomar como elogio. Ser b*cha é correr o risco de ser agredido pela ignorância. Resistimos para nos proteger, resistimos para vencer. Ser b*cha é ser livre. Não vamos deixar que nos vençam. Não mesmo! -- Todos os depoimentos contidos nesse filme são experiências vividas pelos próprios participantes.

O filme foi lançado na internet no dia 20 de fevereiro de 2016³ e foi orçado em torno de 10 reais⁴. Ele foi montado em cima de depoimentos de seis jovens que assumem com franqueza e publicamente a condição de serem homossexuais, diante de uma sociedade que ainda carrega fortes traços de machismo e homofobia.

A ideia de criação do documentário veio depois de Marlon Parente passar por um episódio de agressão:

[Veio] após uma agressão que eu sofri na rua. Um homem armado ameaçou nos matar porque nos viu de mãos dadas e o mesmo gritava “vou atirar em vocês porque vocês são bichas”. Isso mexeu comigo e o vídeo é uma resposta direta: não podemos ficar calados. (em entrevista ao site IHU On-Line)⁵.

³ O Filme encontra-se disponível em página do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>.

⁴ Segundo o diretor, Marlon Parente, em entrevista ao site IHU On-Line, afirmou que para a produção do documentário utilizou-se de uma câmera, um tripé e um microfone lapela. Tudo foi emprestado e o microfone ele comprou por R\$ 10,00 (Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/555872-eu-sou-bicha-entrevista-especial-com-marlon-parente, Acesso em: 27/08/2016).

⁵ Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/555872-eu-sou-bicha-entrevista-especial-com-marlon-parente, Acesso em: 27/08/2016.

Ao longo de 39 minutos de filme, conhecemos e somos confrontados pelos depoimentos dos pernambucanos Orlando Dantas, João Pedro (Peu) Carneiro, João Pedro Simões, Ítalo Amorim, Bruno Delgado, e do natalense Igor Ferreira. O filme apropria-se do termo “bicha” como insulto para preenchê-lo com significado de empoderamento. De uma injúria e/ou ofensa passa a denominar atributos de luta e combate. Segundo o diretor:

Não há disputa. Não é um jogo. São vidas. A palavra bicha vem sendo utilizada para nos diminuir e ofender. O que o filme propõe é uma ressignificação desta palavra para que, ao invés de ferir, ela seja símbolo de luta e de orgulho para todos os meninos homossexuais (em entrevista ao site IHU On-Line)⁶.

As personagens vão se abrindo para o público, contando como se assumiram para suas famílias, como enfrentaram suas reações e lidaram com a homofobia em locais públicos. Os relatos empoderam por si só. São simples, fortes, mas necessários.

O primeiro depoimento contínuo no documentário é o de João Pedro (Peu) Carneiro. Ele inicia sua fala descrevendo as injúrias às quais era submetido desde a infância e nos tempos de colégio. Contudo, por mais que o machucasse, não o impediu, segundo ele próprio, de ser o que ele sempre quis ser: *Eu sempre fui bichinha quando era pequeno. Era muito bicha mesmo.*

Interessante nesta fala de **João Pedro (Peu) Carneiro**, 24 anos, que a sua identidade torna-se lugar de resistência, mas também de reiteração de convenções, servindo, segundo Pelúcio: “para balizar as distâncias entre o “eu” e o “outro” apontando, conforme o contexto, como o verdadeiro desviante” (2014, p. 41).

O jovem **Igor Ferreira** de 19 anos e que atua como *drag queen*⁷ afirma, em seu relato, que teve dificuldades em se aceitar na infância pois ser chamado de bicha o colocava diante do preconceito de familiares e com membros da igreja que ele frequentava. Aos 15 anos ele se assume para a família e “sai do armário”⁸. E daquele dia em diante, assumiu-se como bicha.

João Pedro Simões, apresenta-se como bicha e preta. Para ele, ser bicha é algo maravilhoso mas que ser bicha preta e periférica (que é a sua condição) é estar tentando sobreviver todos os dias. Afirma que sofreu homofobia dentro de casa até que sua mãe e familiares passaram a compreendê-lo, sobretudo, em sua militância.

⁶ Também Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555872-eu-sou-bicha-entrevista-especial-com-marlon-parente>, Acesso em: 27/08/2016.

⁷ São personagens criados por artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se de forma cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico.

⁸ A "saída do armário" é geralmente um ato voluntário, em que o próprio indivíduo decide revelar à família, amigos, colegas ou quaisquer outros, a sua orientação sexual.

O “sair do armário” para **Ítalo Amorin** de 26 anos foi algo que aconteceu sobre pressão. Foram amigos que resolveram contar sobre ele para seus familiares até que sua mãe o procurou para conversar afirmando que já sabia que ele era gay em virtude dos amigos com quem ele se relacionava. A mãe, segundo ele, acabou por tirar um peso de suas costas. Contudo, pediu a ele que não levantasse “bandeiras” algo que ele rompe ao dar o depoimento neste documentário. Ele também afirma o seguinte:

A bicha que mais deve ser valorizada é a bicha afeminada, é aquela bicha que dá a cara a tapa a todo momento, porque desde criancinha sofre preconceito, cresce com isso e amadurece muito mais rápido. A cara do movimento gay é a bicha afeminada, e a gente deveria ter essa ideia de que a gente pode ser quem a gente quiser.

Ser afeminado subverte o masculino e salienta os códigos culturais que marcam o gênero feminino e torna-se, portanto, subversivo. A masculinidade se constrói tanto na opressão à homossexualidade quanto à rejeição a aproximação da feminilidade. Os meninos/homens são submetidos a um controle minucioso destinado a exorcisar qualquer sinal de atração por outros meninos/homens assim como apresentar qualquer gesto e/ou atitudes classificada como feminina.

Bruno Delgado de 24 anos conta que aos oito anos, foi submetido a uma Terapia Cognitivo Comportamental com o intuito de “corrigir” sua personalidade. Segundo ele:

Comecei a ser treinado para agir diferente. Na verdade, comecei a ser ensinado que tudo que eu fazia era errado (...) Ela [terapeuta] gravava tudo o que eu falava e depois me fazia ouvir. Ela me fazia repetir tudo que eu dizia com outra voz para treinar uma voz mais masculina.

Com mais idade, Bruno assume-se para sua mãe visto que ela já havia encontrado indícios que ele se relacionava com outro rapaz. Para sua surpresa ela ficou calada neste dia e em outro momento ela confessa para ela ser lésbica e que tinha um relacionamento. *Foi um choque. Tudo poderia ter sido diferente. E eu poderia ter ajudado ela e ela ter me ajudado*, comenta Bruno.

Por fim temos **Orlando Dantas** de 22 anos traz o relato de quando seu pai o confrontou: *E aí tu é viado? É Bicha?.* Orlando afirma que tentou ser forte e não chorar pois se chorasse estaria se colocando como culpado de uma coisa que ele não era, visto que para ele é algo natural.

Orlando afirma também:

Bichas são transgressoras. É aquela que tá indo contra o padrão, tá indo contra a maré. As bichas são contra isso. As bichas são livres. Elas são apontadas na rua, elas são motivo de chacota. Se a gente for viver se enquadrando nesse modelo-padrão que a sociedade acha que é certo, a gente não vai ser livre nunca.

A apropriação do discurso repressivo contra o repressor é uma das novas ferramentas de combate ao preconceito. Por muito tempo o termo bicha, bem como similares, foi utilizado para

hostilizar meninos homossexuais que demonstraram ou não seus sentimentos interiores. O diferente sempre incomodou a sociedade, que sempre o escanteou e marginalizou por não se dispor a entendê-lo.

O Segredo dos Lírios: histórias de aceitação

O documentário “O Segredo dos Lírios” de Brunna Kirsch e Cris Aldrey foi gravado em Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre/RG, em 2002. É narrado por três mães (Estela, Cristiane e Vera), contando como é a relação delas com suas filhas, como foi o processo de aceitação da orientação sexual de suas filhas desde o momento da descoberta até os dias atuais.

O preconceito em relação à homossexualidade não fere apenas as pessoas homossexuais, mas também seus familiares. Somos socializados desde nossa infância a identificar a heterossexualidade como a única considerada normal. E normal com base na visão judaico-cristã que atribui a sexualidade humana uma mácula a ser purificada por meio do sagrado laço do matrimônio, entre homem e mulher, para fins reprodutivos com vistas à formação da família.

A homossexualidade ainda é encarada como um tabu, assunto velando principalmente no âmbito familiar. Devido à organização heteronormativa da sociedade, a possibilidade de ter um filho ou filha homossexual sequer é pensada e, quando se deparam com essa situação, os pais e mães iniciam um trajeto de diversos embates entre as suas concepções e o amor dos/as filhos/as.

Somos adestrados a nos conformarmos aos papéis que se esperam de homens e mulheres por meio de uma educação diferenciada. Os meninos são adestrados para se tornarem masculinos e heterossexuais. As meninas para se tornarem femininas e heterossexuais. É nessa linha que segue o documentário *O Segredo dos Lírios* das diretoras gaúchas Brunna Kirsch e Cris Aldrey.

O Segredo dos Lírios privilegia o “olhar” das mães, suas angústias, frustrações em relação as expectativas que tiveram em relação as filhas, mas também apresenta o amor ‘incondicional’ destas mulheres ao longo do processo pois a aceitação constitui-se, na maioria das vezes como um processo lento e doloroso.

Aceitar a homossexualidade de um filho ou filha demanda um difícil processo, pois entre as expectativas, medos e incertezas próprias da espera de um bebê, a possibilidade de que ele/ela tenha uma orientação sexual homossexual não é sequer cogitada por pais e mães. A heterossexualidade e o binarismo de gênero são “tão certos”, “tão naturais”, que se tornam o ponto central em torno do qual giram os planos para a criança que vai chegar.

No documentário é possível identificarmos nas narrativas das mães que houve o apoio destas em relação as suas filhas e estas passaram a lidar com sua sexualidade mais facilmente, já que elas, não com menos sofrimento, também vivenciam o processo de aceitação pessoal.

Em um primeiro momento, é possível identificarmos nas falas das mães que de início não houve abertura para o diálogo, quer seja por sentirem-se despreparadas, quer seja por ignorarem o assunto. Estas mães desvelam, em suas falas, além das dificuldades do processo de aceitação das filhas que o amor possibilitou a compreensão e o acolhimento destas filhas. Embora todas apontassem que se sentiram culpadas pela condição homossexual das filhas, o que significa, sobretudo, a uma expectativa frustrada de cumprimento do papel de mães, após o ‘susto’, houve a compreensão e a aceitação das mesmas, encarando com algo natural, ou como obra do destino.

Houve também a mudança da concepção de homossexualidade por partes das mães. Estas passaram de estigmatizadoras a ‘informadas’ (Goffman, 1988), passando a proteger suas filhas, principalmente em relação ao preconceito familiar e social.

Considerações Finais

Bichas, o documentário apresenta a persistência do cinema como um meio eficaz de participar do mundo. Torna-se necessário o esforço de ressignificação e de politização aos diversos vocabulários de exclusões, porque, antes de serem categorias reivindicadas, estão são identidades impostas. É preciso interrogar os saberes que divulgaram verdades sobre esses corpos, encapsulando subjetividades, patologizando desejos.

Segundo relatos do *facebook* oficial do filme⁹ apesar de ameaças anônimas de caráter homofóbico recebidas por anônimos, o diretor Marlon Parente¹⁰ afirma que, de modo geral, as pessoas sentiram-se tocadas pelo filme. Pois foram várias as mensagens de apoio além de histórias de jovens que ao assistirem o documentário criaram coragem para assumir a homossexualidade e que se sentiram representados por um ou outro personagem do filme.

Em *O Segredo dos Lírios* é possível identificarmos que o padrão heterossexual vigente, que faz com que pais e as mães reajam de tais formas ao se depararem com a homossexualidade de filhos e filhas, é determinado pela sociedade e pela cultura, tomado como regra e como parte da norma social. O processo de aceitação enfrentado pelas mães neste documentário possui tanto

⁹ www.facebook.com/bichasdoc/

¹⁰ Em entrevista no site IHU On-Line Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/555872-eu-sou-bicha-entrevista-especial-com-marlon-parente, Acesso em: 27/08/2016.

pontos em comum quanto singulares, destacando-se questões referentes às causas atribuídas à homossexualidade das filhas, convivência com o estigma e superação de preconceitos.

A força do documentário está fundamentada na sua capacidade de servir como referencial. O respeito ao outro e as suas peculiaridades é fundamental, pois através deste respeito temos a possibilidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Assim sendo, cada vez mais, a sociedade deve concentrar forças para a difícil tarefa de ofertar uma educação justa, de qualidade e que respeite as diferenças de cada sujeito.

Referências Bibliográficas

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual*. Brasília, Editora da Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. “O colorido cinema queer: onde o desejo subverte imagens” In. *Anais do II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais – culturas, leituras e representações*. João Pessoa, UFPB, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Breve História Afetiva de uma Teoria Deslocada In. *Revista Florestan – graduação em ciências sociais da UFScar*. Ano 01, Número 02, Novembro de 2014.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da., “Madame Satã: uma estética marginal”. In. NÓVOA, Jorge; BARROS, José D’Assunção (Orgs), *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2012.

Sites:

Eu sou Bicha! Entrevista especial com Marlon Parente. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/555872-eu-sou-bicha-entrevista-especial-com-marlon-parente, Acesso em: 27/08/2016.

O Segredo dos Lírios: sensível depoimento de mães sobre suas filhas lésbicas. Disponível em: <http://www.umoutoolhar.com.br/2012/05/segredo-dos-lirios-sensivel-depoimento.html>, Acesso em: 16/07/2017.